

PRISCA AGUSTONI

NARRATIVAS

LAPSO

Ela sempre foi, para mim, aquela mulher sobre os sessenta, sem grandes traumas e sem sombras no passado, exceto nos dias em que precipitavam-lhe as avalanches da infância, os desabamentos de neve e gelo que a seqüestravam. Os olhos permaneciam imóveis, sem bater os cílios, mas pareciam cavar no tempo, quase a querer alertar sobre a tragédia iminente. Pareciam engessados pelo pânico que invadira outrora o povoado e todos aqueles que, raspando na neve à procura de algum sobrevivente, viram seus dedos se tornarem roxos de frio. A neve, dura como pedra, na qual espargiu-se o sangue a manchar sua inocência. Logo, pouco a pouco, os olhos reagiam à pulsação normal dos minutos e ao invólucro veludo da pálpebra, como uma cortina que fecha o mundo dentro de um quarto.

O BOSQUE

O cachecol era marrom, disso ela tinha certeza. Foi em novembro, talvez final de outubro, pois o céu já dava sinais de desamparo total. E disso também dependia a excitação do inverno. A excitação do escuro e do alheio. A expectativa do aconchego para ser conquistado, lutando contra as adversidades. Lembrou-se disso ao olhar para o rio, o mesmo rio que os olhos de Borges deviam ter amado, em cada uma de suas identidades. O cachecol era marrom, de cetim. Sentia-se uma dama naquele fetiche de beleza feminina. Uma dama passeando com seu cavaleiro. «Vem », ele dizia, « vem, que o cavalo ficou amarrado no bosque ». Os dois entraram na senda, beirando altas árvores nuas, os dedos nus, entrelaçados. A singeleza da mão nunca lhe parecera tão austera. Ao sair do bosque, pouco depois, ele tinha a certeza de que algo suficientemente importante tinha ocorrido, lá dentro, para abrir o coração de sua mulher. Ela, no entanto, não só não lhe deu a mão na saída, como sumiu da região, não deixando atrás de si nenhum rastro, a não ser o longo silêncio do rio olhado pelos olhos de Borges. O cachecol era marrom, disso ela tinha certeza, e talvez ainda estivesse em algum recanto do armário.

BÉSAME MUCHO

Apesar da fuligem, as ruas conservavam uma luz que só uma ilha poderia suportar e dosar de acordo com a contração das ondas.

Eu achava aquele ritmo semi-molhado, aqueles dias todos iguais, quase um vício, como uma mosca zumbindo ao redor da mesma idéia. A umidade e as plantas, lá fora, atravessavam em cheio o cerne da juventude.

Foram os dias em que o amarelo escorreu pelos cantos da boca. Ainda não levava jeito com a faca e a fruta, por isso o suco escorreu pelo pescoço, uma vez, mais vezes, descendo peito abaixo, percorrendo os anos que separavam o iniciado da iniciação. Também havia, é verdade, aqueles olhos a me vigiar, em qualquer canto da casa.

No entanto, quando os livros perfuraram o círculo de fogo no qual me joguei, sem perceber, eles começaram a levar vantagem, e não teve mais jeito para nada. Eles cercaram a mesa, calaram as vozes e se tornaram um enclave de traição entre nós dois. Ou um paraíso antecipado para a perdição. Um paraíso de papel e de redemoinhos no fundo da página. Dizem que as melhores coisas não acontecem por acaso. Não sei dizer por certo, mas se isso for verdade, o destino não podia ser mais generoso comigo, pois me deixou como herança daquele esconderijo na memória a faca, a fruta e a livraria, cuja janela lateral dava para a casa de Lezama Lima.